

6 ARTISTA E GESTOR

A produção artística de Mendonça Filho foi de certa maneira sufocada por outras atribuições. Entre elas talvez a mais importante fosse a de dirigir a EBA por 14 anos. Entender esse período é fundamental para compreender a sua obra.

Pouco antes de seu ingresso como discente, a EBA havia conseguido solucionar um grande problema: o reconhecimento dos cursos da Escola. Mendonça Filho (1955, p.14) comentou que em 15.08.1929, a lei Estadual nº. 2216 reconhecia os diplomas emitidos pela EBA, inclusive dos arquitetos, dando direito a projetar, e em 07.12.1943, o Presidente Getúlio Vargas reconheceu os cursos de pintura, escultura e gravura, através do decreto Lei 14.201, negando idêntico direito ao curso de Arquitetura. Esta informação é confirmada por Otávio Torres (1953, p.214).

Durante a década de 1940, as artes na Bahia ainda eram ensinadas seguindo os parâmetros instituídos pela Escola do Rio de Janeiro. Podemos comprovar esse comentário através do Relatório de Exercício da EBA¹ no ano de 1935, trazia o seguinte comentário:

Continuamos a seguir o roteiro da nossa congênera, a Escola Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro, para o que adotamos a reforma do ensino das Bellas artes de que trata o decreto nº. 19.852, de 11 de Abril de 1932, a partir de 1932, e o decreto nº. 22.897 de 06 de julho de 1933 para os alunos ingressados na Escola a partir de 1936, tudo em conformidade com o que ficou aprovado.

Segundo Rios Filho (1964, p. 265), Getúlio Vargas baixou o decreto nº. 22.897 alterando as disposições do decreto nº. 19.825, na parte referente à organização do ensino ministrado pela Escola Nacional de B. Artes. Entre os objetivos esperados estava o de “atender à conveniência de uma intervenção mais direta na conservação do patrimônio artístico do país, estabelecendo, ao mesmo tempo, os meios para a difusão do seu conhecimento”.

Rocha (1944, p. 02) chamava a atenção: “[...] urge renovar as fórmulas, os moldes gastos e ridículos do velho academicismo mórbido e torpe [...]”. Ele continua: “[...] e,

¹ AHEBA/UFBA. Envelope 19, Relatório de exercício da EBA, 1935.

para vergonha e espanto dos países civilizados, o pleno em que se processa sem nenhum critério, o ensino oficial das artes plásticas na Bahia”.

[...] o amplo prédio onde está a EBA com este aspecto justifica suposições amargas. Nas salas de aulas de pintura, de desenho e no atelier de escultura, poucos alunos. São salas quase desertas onde poucos estudantes se movimentam sofrendo talvez a nostalgia de épocas já passadas, porém grandiosas para as artes. O silêncio do casarão constrange o visitante².

Em 1944, teve início a sua jornada a frente da Escola de Belas Artes, pois em 22.01.1944³, em virtude do falecimento do Eng^o Américo Furtado de Simas, teve que assumir interinamente o cargo de diretor, permanecendo por quase três meses até 08.04.1944⁴ quando a congregação elegeu Leopoldo Amaral para completar o mandato de Américo Simas que havia falecido, permanecendo, até o final do período e reassumindo em 22.05.1945 mais um mandato (1945-1949)⁵, não chegando a terminá-lo.

Em 31.05.1946, no salão nobre do solar Jonathas Abbott, a congregação da EBA se reuniu na presença do Vice-reitor da Universidade do Brasil, Sr. Pedro Calmon e do diretor da EBA Sr. Leopoldo Amaral, para escolher um professor que pudesse representar a escola nas reuniões de estudos para a implantação da Universidade na Bahia. Mendonça Filho foi eleito⁶ com sete votos a um. A sua eleição demonstra a seriedade com que ele tratava os assuntos da Escola e a confiança que os membros da congregação lhe depositavam.

Provavelmente, sua participação nessas reuniões foi tão importante que a congregação acabou por elegê-lo ao cargo de Diretor. Sua filha Ana Mendonça⁷ comentou sobre sua postura com os membros da Escola: Meu pai era muito líder, se dava com todo mundo, ele era de uma lealdade canina. Não tinha esse negócio de puxar o tapete não [...], o artista tinha que estar no mesmo pé de igualdade. Certa

² Diário da Bahia (27.06.1942, p. 03 e 05).

³ AHEBA/UFBA. Livro da Ata da Congregação. Atos de Empossamentos de professores. 1926-1950. p.47.

⁴ Ibid. p.50.

⁵ Ibid. p.53.

⁶ Ibid. p.65.

⁷ Entrevista realizada em sua residência no ano de 2011.

vez conversando com Edgard Santos, chegou o Diretor da Faculdade Medicina e o reitor deu as costas ao artista. O mesmo, em um ato repentino, pegou o reitor pelo braço, exigindo a mesma atenção.

A aspiração dos baianos em criar uma universidade na Bahia já era muito antiga. Segundo Calmon (1995, p. 353), remonta à década de 20 a criação da primeira universidade nos moldes que conhecemos no Brasil. Este caso ocorreu devido à visita da família real da Bélgica ao Estado da Guanabara. O governo cria as presas a Universidade do Brasil no Rio de Janeiro. A segunda foi a Universidade de São Paulo em 1934.

Se dependesse do empenho de Pedro Calmon, a Universidade da Bahia teria sido criada em seu primeiro mandato como Deputado Federal, em 1934. Ele mesmo comentou:

Apresentei corajosamente essa proposta, que deveria cair como centelha no barril das aspirações regionais. O projeto foi a comissão; deram-lhe relator, Homero Pires e lá dormiu sem que nunca uma palavra fosse dita sobre a minha pobre utopia (CALMON, 1995, p. 29).

O jornal “A Tarde”⁸ informa que a Comissão organizadora para a criação da Universidade da Bahia, relacionou as unidades que deveriam integrar, num primeiro momento, a Universidade da Bahia, são elas: Faculdade de Medicina (Farmácia e Odontologia anexa), Direito, Engenharia (Politécnica), Filosofia e Finanças (atual Faculdade de Economia). No dia 05 de abril do mesmo ano, a Comissão propôs a inclusão de outras unidades de Ensino, ficando acertado que as mesmas seriam incorporadas logo após a instalação da Universidade.

Onze anos se passaram até que o povo baiano pudesse comemorar. Em 08 de abril de 1946, reuniram-se no Rio de Janeiro, o Presidente da República, Eurico Gaspar Dutra, o Ministro da Educação e Saúde Ernesto Souza Campos, o Reitor da Universidade do Brasil e interessados, para assinar em ato solene o Decreto-Lei 9.155⁹ que criou a Universidade da Bahia.

⁸ A Tarde (04.04.1946, p. 03).

⁹ Diário de Notícias (10.04.1946, p. 03).

A Universidade da Bahia foi instalada solenemente em 02.07.1946 junto com as comemorações da independência da Bahia. Nesta ocasião o Ministro da Educação, antes da inauguração, visitou todas as unidades integrantes da Universidade da Bahia inclusive a Escola de Belas Artes. Embora a EBA estivesse nos planos para fazer parte da Universidade, a mesma não pode ser incluída no decreto 9.155.

Mendonça Filho lamentava “as portas da Universidade da Bahia, aguardamos nos seja legado o edifício que sempre foi nosso, para preenchida essa exigência legal – ser a Escola definitivamente incorporada¹⁰”

Em 1947, com o Decreto-Lei nº. 13.701¹¹, assinado no dia 26 e publicado no dia 30.09.1947, O governador Otávio Mangabeira¹² doou o prédio a EBA com a cláusula de que continuasse a funcionar em suas dependências a Escola Antonio Bahia até que fosse encontrado algum local mais adequado. Além dessa lei, encontramos outra de 12.08.1948 (Lei nº. 84) e a sua publicação no Diário Oficial do Estado da Bahia (nº. 1850 - 06.03.1949). A doação do solar Abbott só ocorreu definitivamente em 06.03.1949, contudo, como a EBA só poderia ser incluída na Universidade da Bahia quando o solar fosse incluído no patrimônio da Escola, podemos propor que o Governo Federal levou em consideração o primeiro Decreto-Lei, de 1947.

Com a doação a Escola procurou o Conselho Universitário e passou todas as informações sobre a instituição como corpo docente, planos de obras e equipamentos mais urgentes além de uma visão geral do histórico e patrimônio da Escola. Este histórico sobre a EBA ficou sob a responsabilidade de Otávio Torres que deixou-nos um importante histórico da nossa escola, além de síntese biográfica dos nossos professores.

¹⁰ Id. (21.09.1947, p. 03).

¹¹ AHEBA/UFBA. Envelope 298. Classificador do professor Cid Teixeira. Transcrição da ATA da Congregação do dia 23.10.1947.

¹² Octávio Mangabeira foi o 27º Governador do Estado da Bahia entre 10.04.1947 e 31.01.1951. Diplomado pela Politécnica da Bahia era catedrático de astronomia segundo a Cartilha Histórica da Bahia. Organizada por Ângelo Bandeira de Mello, Guidoaldo Monteiro, José Calmon e Arthur D’Almeida Couto. Salvador. 1969, p.46.

A incorporação foi decidida pelo Conselho Universitário em sessão no dia 21.11.1947 e incorporada em 09 de dezembro de 1947 (Anexo D). A Ata de Congregação do dia 04.06.1946 relacionava o quadro de professores e disciplinas que permaneceriam após o ingresso da Escola na Universidade da Bahia.

Quadro 5: Professores e disciplinas da Escola de Belas Artes na Universidade da Bahia, 1947.

Disciplinas	Professores
Matemática Superior	Leopoldo A. Bastos do Amaral
Geometria Descritiva	Aristides da Silva Gomes
Resistência dos Materiais – Grafo Estático – Estabilidade das	Tito Vespasiano A. César Pires.
Elementos de Construção – Noções de Topografia	Frederico Simas Saraiva
Sistema e Detalhes de Construção	Walter Veloso Gordilho
Higiene da Habitação – Saneamento das Cidades	Jaime Cunha da Gama e Abreu.
Urbanismo – Arquitetura paisagista	Oscar Caetano da Silva
Grandes Composições de Arquitetura	Antonio Pereira Navarro de
Estética	Carlos Chiacchio
Legislação – Noções de Economia Política	Albérico Pereira Fraga
Prática Profissional – Org. do Trabalho	Albano da França Rocha
História da Arte	Francisco da Conceição
Arte Decorativa	Raimundo Chaves de Aguiar
Desenho	Mendonça Filho
Modelagem	Ismael de Barros
Anatomia	Otávio Torres
Desenho de Modelo Vivo	Alberto Valença
Pintura	Presciliano Silva
Escultura	Carlos Sepúlveda
Professores interinos:	
Disciplinas	Professores
Materiais de Construção – Terrenos e Fundações	Jaime Viana
Física aplicada	Carlos Furtado de Simas
Crítica	Hélio Simões
Teoria e Filosofia da Arquitetura	Antonio P. Navarro de Andrade
Pequenas Composições de Arquitetura	Walter Veloso Gordilho
Gravura	Augusto Buck
Assistentes:	
Disciplinas	Professores
Anatomia	Enoch Torres
História da Arte	Cid Teixeira Cavalcante
Curso Anexo.	
Professores efetivos:	

Disciplinas	Professores
Desenho Geométrico	Raimundo Chaves Aguiar
Desenho Figurado II	Maria Célia Amado Calmon
Modelagem	Ismael de Barros

Fonte: Ata de congregação da EBA, **04.06.1946**.

A entrada da Escola de Belas Artes na Universidade da Bahia foi realmente uma luta a parte, e sem a perseverança do corpo docente e do apoio dos políticos baianos nunca haveria ocorrido. É válido salientar que o decreto de doação do Solar Abbott, indicava que a Escola Antonio Bahia deveria deixar o prédio até a data de 31.12.1948¹³. Após o fato, a Congregação aprovou enviar uma mensagem de agradecimento ao Governador Otávio Mangabeira pela doação do prédio, em que a Escola vinha funcionando a 70 anos¹⁴.

O primeiro mandato de Mendonça Filho como de Diretor da Escola de Belas Artes aconteceu quase três meses depois, em 20.12.1947, da assinatura do documento de doação do solar Jonathas Abbott, por Otávio Mangabeira que aconteceu dia 26 de setembro. Mendonça Filho já era catedrático de Desenho artístico e tinha acabado de ser nomeado professor da Cadeira de Pintura¹⁵.

Aos vinte dias do mês de dezembro do ano de 1947, às 22:30 hs, na sala de congregação, o Sr. Francisco da Conceição Menezes, diretor *ad hoc*, pô ser o mais antigo dos professores presentes, depois de ter proclamado o resultado da eleição empreendida para perante o Srs. Professores em posse do cargo de Diretor da EBA da UBA ao Sr. Professor Manoel Ignácio de Mendonça Filho que, nesta oportunidade prestou compromisso de estilo¹⁶.

A sua nomeação em 1947 se deu em um período muito conturbado para Leopoldo Afrânio do Amaral, tendo o mesmo que deixar o cargo. Mendonça Filho assumiu o cargo a fim de terminar o seu mandato.

Segundo certidão emitida em 21 de dezembro de 1961 (anexo 05), Mendonça Filho fora reeleito mais quatro vezes. A primeira em 13 de maio de 1949 (tomando posse

¹³ A Tarde (20.08.1949).

¹⁴ Diário de Notícias (05.08.1948, p.03).

¹⁵ AHEBA/UFBA. Livro de Ata da congregação. Atos de empossamento de professores. 1926 – 1950, p.79.

¹⁶ Ibid., p. 81.

em 23.05.1949)¹⁷; a segunda em 13 de novembro de 1952 (publicado no Diário Oficial de 16 de novembro de 1952); a terceira reconduzido por decreto de 20 de setembro de 1955 (publicado em Diário Oficial de 21 de setembro de 1955) e por último reconduzido por Decreto de 14 de novembro de 1958 (publicado no Diário Oficial do mesmo dia). Esta certidão fora solicitada ao diretor em exercício, Sr. Carlos Sepúlveda e foi atestada pela laboratorista, Sra. Elza Tavares de Souza. Carlos Sepúlveda foi nomeado por Decreto em 28 de novembro de 1961 (publicado em Diário Oficial no mesmo dia), segundo esta mesma certidão.

Seu prestígio junto ao corpo docente e ao reitor da Universidade da Bahia, Prof. Edgard Santos, trouxe dignidade, ampliando as metas da escola e trazendo novos desígnios para a arte Baiana. Uma de suas primeiras conquistas como diretor foi o reconhecimento do curso de Arquitetura, luta esta que se iniciou desde 1943, quando os outros cursos da escola foram reconhecidos e o de arquitetura não, porém, o próprio Mendonça Filho (1954-1955. p.14) comenta que o deputado baiano Rui Santos, o mesmo que validou os diplomas dos arquitetos formados pela EBA em 1929, dando direito a assinarem projetos, conduziu a escola, utilizando seu prestígio, cedendo todas as informações necessárias para alcançar o reconhecimento para o curso de arquitetura. Mendonça Filho então escreveu para Juracy Magalhães, Deputado Federal, que já acompanhava a escola desde 1930. Juracy Magalhães então conseguiu o feito. Através da ementa nº. 21, da Câmara Federal, pelo Senador Santos Neves, resolvendo a situação do curso de Arquitetura.

Ruy Santos, traçando comentários sobre sua visita à EBA, demonstrou que em 1949 as obras do 2º pavimento estavam completas.

[...] torna-se assim, aos pouco, a projeção que merece no cenário universitário da Bahia a nossa velha Escola de Belas Artes, de mais de cinquenta anos de vida. Seu presente bem faz prever o que ela será em futuro próximo. Cuidada pelo carinho e a sensibilidade de um Mendonça Filho e olhada com a compreensão e o patriotismo de um Edgard Santos, ela só terá que ser o que merece o que pode ser na cultura e na vida baiana: um recanto admirável de inteligência e de arte¹⁸.

¹⁷ Ibid., p. 95.

¹⁸ Estado da Bahia (30.11.1949, p. 03).

Em 1949 alguns professores tiveram que ser substituídos a fim de promoverem o registro de seus diplomas, segundo a Portaria nº. 11 de 15.09.1949, p.40. Estes professores foram substituídos temporariamente, conforme o quadro abaixo:

Quadro 6: Professores Substituídos, 1949.

Professores	Substitutos
Antônio Navarro de Andrade	Walter Velloso Gordilho
Carlos Sepúlveda	Leopoldo Amaral
Ismael de Barros	Octávio Torres
Mendonça Filho	Presciliano Silva
Maria Célia Calmon	Não consta o professor

Fonte: AHEBA/UFBA. Envelope 21. Livro vermelho. Portarias diversas. nº. 11 de 15.09.1949, p.40.

O Deputado Juracy Magalhães, um pouco depois em 1950, solicitou a inclusão da EBA e da Faculdade de Economia na Lei de Federalização¹⁹, segundo consta no Diário Oficial do Congresso. Art.03, inciso II, nº.21 p.5443, federalização esta, que se deu através do Decreto Lei nº. 1.245 de 04.12.1950.

Depois da federalização Mendonça Filho foi homenageado pela Congregação por seu empenho:

[...] sob calorosa salva de palmas, dois votos de louvor: ao diretor da Escola, cuja operosidade incansável e cuja dedicação invulgar vem sendo reconhecidas, nos melhoramentos significativos e que assinalaram nova fase de progresso da nossa tradicional Escola de Belas Artes²⁰.

A década de 1950 com a federalização foram de várias conquistas para a EBA. Nos dois primeiros anos todo o solar Abbott foi reformado. Américo Simas²¹ comentou: “lembro-me, como se fosse hoje, do dia em que eu vim a Escola assinar o contrato e daqueles nos quais dei as primeiras aulas. Nesta data, em 1951, embora funcionasse neste mesmo prédio em que nos encontramos, só existe agora, as paredes externas”. [...] Provavelmente este comentário se refere às reformas que se iniciaram em 1952. Simas continua [...] no ano de 1952, o primeiro pavimento foi entregue à Escola e as grandes, urgentes e indispensáveis obras de reforma total

¹⁹ AHEBA/UFBA. Envelope 133. Classificador nº.08. (Xerox de jornais).

²⁰ Diário de Notícias (28.12.1950, p. 03).

²¹ Arquivos Históricos da UBA, EBA (1955. p.331).

das instalações foram iniciadas, no velho e glorioso prédio central, onde prosseguiram até 1954. Estas reformas modificaram toda a estrutura interna do Solar Abbott. Sobre as obras o relatório de atividades do ano de 1954 informou que neste ano “concluíram-se as obras e instalações no edifício principal, sob a fiscalização de Walter Velloso Gordilho e Diógenes Rebouças”, além de instalarem uma central telefônica, fato merecedor de figurar nos relatórios anuais²².

[...] o professor Mendonça Filho é diretor da Escola, tendo ali realizado grandes reformas, colocando o velho edifício em condições de merecer as honras de uma Escola Superior, pelas acomodações e pela severidade e aproveitamento do ensino²³.

No artigo 7º da lei nº. 1.245 comenta-se sobre a criação dos quadros permanentes do Ministério da Educação e Saúde, indicando que para a Escola de Belas Artes foi criada 39 vagas para professores Catedráticos, padrão O, sendo que 27 para o curso de arquitetura e 12 para Belas Artes.

A Certidão nº. 31.919/1957 – CAB/LV de 27.04.1957, (disponível no AHEBA/UFBA – Envelope 222) do Ministério da educação e Cultura informa que Mendonça Filho, professor Catedrático padrão O, requereu uma certidão do teor do seu decreto de nomeação, pois os arquivos haviam sido incendiados na Faculdade de Medicina, onde naqueles tempos, funcionava a reitoria da universidade. O teor do certificado é o seguinte:

Certifico ser o teor seguinte o decreto publicado no Diário Oficial seção 01 nº. 129 de 08.06.1951, p. 8.695: o presidente da República resolve nomear Manoel Ignácio de Mendonça Filho para exercer, a partir de 08.12.1950, o cargo de Professor Catedrático Padrão O da Universidade da Bahia, do quadro permanente do Ministério da Educação e Saúde, criado pela citada Lei nº. 1.254 de 04.12.1950. E por ser verdade eu, Cândida de Almeida Bandeira, auxiliar administrativo, ref. 24 da I.V.M. deste Ministério, lavrei a presente certidão que por mim datada e que vai assinada por José Moreira Padrão, chefe do Setor de Assentamentos e Registros da Divisão de Pessoal, Ministério da Educação e Cultura. Rio de Janeiro. 17.05.1957.

A Lei nº. 1.245 federalizou todos os estabelecimentos de ensino integrados, no período, às Universidades do Brasil: Rio de Janeiro, Minas Gerais, Recife, Bahia, Paraná e Rio Grande do sul. No artigo 3º desta lei, no inciso 2º é indicado que a

²²Arquivos da UBA – EBA Vol.II. 1954-1955, p.392.

²³ Estado da Bahia (12.06.1951, p. 03).

Escola de Belas Artes iria oportunamente, promover o desmembramento do curso de Arquitetura para que fosse constituída a Faculdade de Arquitetura como unidade distinta. Edgard Santos explicou em um jornal²⁴ que para enquadrar o curso de Arquitetura na lei, [...] fazia-se necessário o reconhecimento do órgão técnico, no caso o Conselho Superior de Educação. Maria Ivete Oliveira (1971, p.16) para o catálogo geral da UBA comenta que somente em 1960 o curso de Arquitetura conseguiu ser desanexado da EBA.

A posição de Mendonça Filho para com essa separação era totalmente de repúdio. A família conta que o mesmo conversava muito sobre o tema e sempre se manifestava contrário alegando que em qualquer Universidade do Mundo; nos melhores Campos universitários; nos mais bonitos, arquitetura e as artes sempre andaram juntas. Ele ainda completava, sem o contato direto com as artes vocês podem se tornar “meros mestres de obras com domínio técnico”.

Júlia Lima²⁵, entrevistando alguns artistas baianos sobre a década de 1950, também apontou o papel de Mendonça Filho na promoção das artes plásticas e na abertura que o mesmo dava aos adeptos do modernismo. Calazans Neto completa: “Ele era um grande administrador, aquilo funcionava no primeiro mundo”.

Mendonça Filho tinha o dom da oratória, “colocava todo mundo no bolso. Nas reuniões, só ele falava”. Generoso, “[...] chegou a arranjar uma das salas para que os alunos mais pobres pudessem dormir em épocas que os mesmos não tinham dinheiro para pagar se quer o aluguel” (PARAÍSO, 2005, p. 05).

A professora Selma Ludwig (1977, p. 05) inicia seu livro com uma citação de Mendonça Filho: “Esta escola se não representa a ideal no ensino das artes, está, de fato, na vanguarda. E o ideal é inatingível porque além do muito que fizemos ou fazemos, sempre existirá um muito mais a ser conseguido”. Apontou também para a falta de apoio dos poderes públicos em alguns momentos, lembrando que a própria sobrevivência da escola representou, em si, uma vitória (LUDWIG, 1977, p. 05).

²⁴ Id. (20.12.1950, p. 03).

²⁵ Correio da Bahia (13.11.2005).

A Bahia iniciou as discussões sobre as proposta modernistas a partir da exposição organizada por Manoel Martins com obras dos principais artistas modernos atuantes no Brasil, entre os quais: Segall, Gomide, Quirino da Silva, Lucy, Tarsila do Amaral, Rebolo, Volpi, Oswaldo Andrade, Walter Levy, Augusto Rodrigues, Clóvis Graciliano, Flávio de Carvalho, Pancetti, Portinari, Cícero Dias, Di Cavalcante e Scliar (COELHO, 1973, p. 11).

Depois dessa mostra, Coelho (1973, p. 16) indica a exposição desenvolvida por Carlos Bastos e Mário Cravo Júnior em 1947 (ACBEU), “a primeira exposição de caráter revolucionário cuja repercussão abalou os alicerces da arte tradicional [...]”.

Mesmo com os movimentos literários de vanguarda como os grupos Távola, Arco e Flecha e a Academia dos Rebeldes, a crítica baiana era muito reacionária. José Valladares escrevendo para o álbum comemorativo da cidade do Salvador em 1954 comentou: “no dia em que alguns pintores modernos da Bahia tivessem feito cinco quadros a Ingres, provavelmente desapareceriam de suas telas os defeitos de desenho que perturbam a originalidade de suas criações”.

Ludwig (1977, p. 07) explica que “o ensino continuava preso ao tradicionalismo, às pessoas desejosas de formação continuada iam para o exterior, como fizeram Carlos Bastos, Genaro de Carvalho e Mario Cravo”.

A renovação das artes baianas impuseram á escola modificações no ensino, pois o mesmo se mantinha tradicional. Essas mudanças visavam principalmente à introdução de novas técnicas: “a escola de Belas Artes não podia fugir às exigências do ambiente e prometeu ampliação do seu quadro docente” (LUDWIG, 1977, p. 09).

A atuação do diretor Manoel Ignácio de Mendonça Filho sempre foi destacada, principalmente “pelo caráter inovador na escolha de novos professores, e pela manutenção do ambiente harmônico, quando se processavam mudanças radicais no ensino (LUDWIG, 1977, p. 09)”. De acordo com Paraíso (1977, p. 10), “Mendonça foi antes de tudo um homem de caráter. Firme nos seus propósitos de artista, nem por

isso descuroou os seus compromissos como diretor de uma das mais importantes unidades do ensino superior”.

Sobre a contratação de personalidades na década de 50, Paraíso (2005, p. 05) comentou que, com a explosão da arte moderna na Bahia, “Mendonça não poupou esforços, mandando chamar os professores mais atualizados de outros estados e da Europa principalmente por estarem em contato com o que se fazia de novo na arte”.

Do Rio de Janeiro foram trazidos os seguintes professores: Fernando Leal (Teoria da arquitetura), José Bina Fonyat Filho (Teoria e filosofia da arquitetura no Brasil) e João José Rescala (Teoria da conservação e restauração da pintura). O Professor José Rescala deu continuidade às excursões com as turmas de pintura. Ludwig informa que o mesmo passou a organizar grupos de pintura que saiam pelas ruas e vales de Salvador. Entre os participantes a autora cita Ligia Milton, Odete Valente e Zélia Oliveira (LUDWIG, 1977, p. 10).

Para as disciplinas de pintura foram contratados os Professores Emídio Magalhães e Adam Firnekaes (Pintura 1958-1961), este último por indicação do Professor Juarez Paraíso. Para a cadeira de Estética, o Professor Romano Galeffi, e para Estudos Brasileiros o Professor Cid Teixeira. Paraíso (1977, p. 10) afirmou: “[...] Mendonça Filho era um líder nato. Era o suporte moral e cultural dos seus amigos e colegas. Como diretor, teve a capacidade de compreender os novos rumos pelos quais a escola iria se orientar”.

Prova disso foi o convite feito em 1954 a Henrique Oswald²⁶ no Rio de Janeiro. Mestre da xilogravura, da água-forte e da água-tinta. No final da década de 1950 e início de 1960 influenciou a todos os artistas da escola deixando uma legião de discípulos, entre eles, José Maria, Hélio Oliveira, Sônia Castro, Leonardo Alencar e Juarez Paraíso, seguidos de Emanuel Araújo, Edison da Luz, Gley Melo e Edízio

²⁶ Foi nomeado após concurso como docente livre da cadeira de Gravura de talho doce, água forte e xilografia, de acordo com a resolução da congregação do dia 22.06.1955, segundo Portaria nº. 06 - 08.07.1955, p.36 verso.

Coelho²⁷. Ele fez o grande movimento em relação à gravura, reunindo grandes talentos dentro da escola. Jacyra de Carvalho Oswaldo veio com ele e fez importante tese para o concurso à Cátedra de “Desenho de Croquis” da Escola.

Em relação a Mario Cravo, é inegável sua importância para a difusão da gravura. Por causa deste a escola adquiriu uma prensa para prática da gravura à água-forte e equivocadamente começou a ser utilizada com a xilogravura. Além dos gravadores citados não poderíamos esquecer-nos de Poti Lazaroto e o alemão Karl Hansen, mestres da gravura.

A origem do desenvolvimento da gravura entre nós esta ligada estreitamente a razões históricas; as técnicas tradicionais de desenho, pintura e escultura estavam a nosso ver, como que comprometidas com o espírito acadêmico da arte que elas expressavam, isto é, o espírito daqueles que delas se serviam. Uma nova linguagem, uma técnica ainda inexplorada, configurar-se-ia assim como o veículo ideal de libertação do nosso espírito nascente e da mensagem revolucionária que as gerações futuras tinham a transmitir (LUDWIG, 1977, p. 11).

Ao estudarmos a obra de Ludwig (1977, p.14), impressionou uma nota que se referia ao texto principal que comentava sobre os pintores acadêmicos da primeira metade do século XX. A autora referindo-se a expressões ligadas ainda ao academicismo ou ao pós-impressionismo, citou Presciliano, Alberto Valença e Raimundo Aguiar, não se referindo a Mendonça Filho. Levando-se em consideração que Raimundo Aguiar era mais moço que Mendonça Filho e sua produção posterior à de Mendonça, será que a autora não considerava aquele um pintor acadêmico?

Paraíso (1997, p.12) nos informa que em 1953 “[...] Mendonça Filho propiciou o ingresso dos primeiros arquitetos e artistas modernos da Bahia entre eles, Diógenes Rebouças, Bina Fonyat, Hélio Duarte, Lina Bo Bardi [...]”. O autor continua:

Maria Célia Amado Calmon Du Pin, a quem, na verdade, deve-se creditar importantes iniciativas de renovação no ensino das artes plásticas, por ter introduzido novas experiências de técnicas e de composição [...] Maria Célia se retirou da Escola em 1959.

Na exposição de Maria Célia, inaugurada no Bar Anjo Azul, em 1950, os principais professores da Escola de Belas Artes estavam presentes, demonstrando que nesse momento eles não se prostravam como uma barreira às inovações estéticas. Além

²⁷ Juarez Paraíso em entrevista a Revista da Bahia, Funceb. Disponível em: <http://www.fundacaocultural.ba.gov.br/04/revista%20da%20bahia/Artes%20Plasticas/entre.htm>

de Mendonça Filho, Presciliano e Alberto Valença, estiveram presentes Carybé, Burle Marx entre outros²⁸.

As transformações pedagógicas ocorridas durante as décadas de 1950 e 1960 trouxeram importantes mudanças para o cenário artístico baiano, quebrando barreiras, experimentando novas abordagens artísticas e metodológicas, refletindo em toda produção da segunda metade do século XX. Essa efervescência cultural nunca antes vista na Bahia era reflexo de um momento crucial de nossa história. Desde a criação da Universidade da Bahia, o fomento a cultura e o avanço científico e tecnológico favorecia a quebra de antigas barreiras.

Na Bahia, uma casta de intelectuais humanistas, tendo a frente o primeiro reitor da Universidade da Federal Bahia, Edgard Santos, detectou que chegara a hora de dar partida ao seu sonhado projeto de criar uma universidade viva, inserida na sociedade, com qualidade capaz de transformar-se num grande centro irradiador de tecnologia, ciência, cultura e arte (QUADROS, 2010, p. 17).

Analisando os arquivos e livros de Atas da EBA / UFBA, percebemos que durante a década de 1950 todas as disciplinas sofreram de uma forma ou de outra, alterações em suas metodologias. Torres (1953, p. 49), comentando sobre a História da cadeira de Anatomia artística e Fisiologia Artística, em 1953, traçou uma síntese de como a disciplina funcionava na década de 40, neste texto, o autor comenta sobre a intermediação de Mendonça Filho junto a Faculdade de Odontologia, para a confecção de “segmentos do corpo humano” de homem, mulher e criança “em diversas idades”; e até mesmo de fetos de 5, 8, e 9 meses; além de bacias e crânios, visando com isso auxiliar nos estudos da fisiologia e anatomia.

Na época, o Diretor da Faculdade de Odontologia²⁹ solicitou a Aldelmiro José Brochado³⁰ a confecção das peças anatômicas. O mesmo prometeu fornecer as peças que fossem solicitadas pelo diretor da EBA. O Dr. Brochado fez livre-docência para a Escola de Belas Artes no mesmo ano e segundo comentários dele, as peças foram preparadas e entregues a EBA. O laboratório de Anatomia Artística foi

²⁸ Diário de Notícias (16.09.1950, p. 01).

²⁹ Octávio Torres não informa quem foi o diretor na ocasião.

³⁰ Segundo Juarez Paraíso, o Dr. Brochado era um dos mais eminentes cientistas da Bahia, cujo conhecimento de anatomia humana atraiu famosos cirurgiões para a Bahia, a fim de absorver os seus conhecimentos. Tornou-se professor de Anatomia artística na EBA através de um brilhante concurso.

enriquecido com todas essas peças ainda quando Octávio Torres era regente da cadeira de anatomia.

Mendonça Filho (1955, p. 13) comentou:

Nestes dois anos, a atividade didática de nossa Escola foi digna de menção especial, pois nesse tempo foram realizados 10 concursos à docência livre e 02 para provimento efetivo de cátedras, além de conferências, participações em congressos, de um curso de Extensão Universitária, cujo sucesso ultrapassou tudo que se tem feito, nesse gênero, na Bahia.

Além disso, Américo Simas³¹ escreveu:

É de mais inteira justiça realçar o esforço, o amor, a abnegação, em uma palavra, a devoção que o Professor Mendonça Filho, antigo e dileto aluno e hoje dinâmico Diretor vem imprimindo as atividades desta casa [...] no nosso entender, o ambiente de harmonia que impera na Escola [...].

Este foi um ano em que Mendonça Filho acumulou várias funções na EBA. Além de diretor e professor de Desenho na Escola, ele lecionava no Instituto de Preservação e Reforma da Secretaria do Interior e Justiça do Estado da Bahia.

Estas informações constam em uma declaração³² de 02.08.1954 em cumprimento ao parágrafo 1º do art. 20 do Decreto 35.956 deste mesmo ano. Segundo este documento Mendonça Filho trabalhava na EBA das 08:00 às 11:00 hs e das 15:00 às 19:00 hs e no Instituto das 12:00 às 13:00 hs. Este processo foi autorizado pelo reitor Edgard Santos, conforme Diário Oficial³³ referenciado em documento da Reitoria da Universidade sob o protocolo de nº. 611 acumulando, portanto os cargos.

As aulas de Desenho Artístico ministradas por Mendonça Filho em 1956 obedeciam ao seguinte conteúdo:

Cone Visual: a escolha do ponto de vista. Medidas para proporcionar: aplicação das horizontais, das verticais, do fio do prumo; Luz e sombra: Sombra própria e sombra projetada. Proporções da figura humana: seus cânones. Medidas clássicas. Claro escuro. Valores. O desenho da imaginação, seu objetivo. Cópia do gesso, suas vantagens como disciplina. Estudo do natural de objetos isolados e em grupo. Figura humana baseando

³¹ Arquivos da UBA EBA Vol.II. 1954-1955, p.332.

³² AHEBA/UFBA - Caixa 222. Envelope de documentos pessoais do Professor Mendonça Filho.

³³ Diário Oficial (13.10.1959, p. 21/ 788).

o esboço na forma geométrica fundamental dos corpos; o desenho esquemático, o croqui e a mancha³⁴.

Nos relatórios da Diretoria (1955 – 1960)³⁵ há algumas informações importantes sobre o que acontecia na escola.

Em 1955 Foram realizadas várias excursões de estudo. Maragogipe, Cachoeira, Dias D'Avila, Barragem do Rio do Cobre, Castelo Garcia D'Avila, estavam entre os locais estudados na Bahia, além das excursões dos alunos da 5ª série de Arquitetura Pintura e Escultura que seguiram para Suécia, Itália, Espanha e Portugal em viagem de “estudo e observação”³⁶.

Em 1956 foram realizadas várias conferências em comemoração ao 80º aniversário da fundação da EBA, trazendo importantes personalidades de destaque e representatividade nos meios artísticos e culturais do Brasil e do exterior. De abril a outubro deste ano aconteceram as seguintes conferências:

“História da Arquitetura Hispano-Americana”, ministrada por Enrique Marcos Porta (Universidade de Sevilha), presidente do Instituto de Cultura Hispânica da UBA; “Considerações em torno do Problema da Arte Contemporânea”, ministrada por J. H. Koellreuter; “Produtividade e bem estar”, ministrada por Gilberto Pacheco; “Considerações sobre o ensino da arquitetura nos Estados Unidos”, ministrada por Diógenes Rebouças, além de “Literatura Portuguesa” (Hernani Cidade); “Recreação tradicional nas cidades brasileiras” (Edson Carneiro); “Chagall” (Jacques Lasseigne) e “Cidades universitárias, o plano de São Paulo” ministrada por Hélio Duarte.

Em novembro de 1957 aconteceram as conferências de Gilberto Freire (Sociologia da Arte), Paulo Richter (Acústica do Ambiente), George Izenour (O desenho, à Engenharia, à arquitetura e o Teatro Contemporâneo) e encerrando o ano, em 09 de novembro, foi realizada a Conferência do professor Wolfgang Pfeiffer, diretor do Museu de Arte Moderna de São Paulo com o tema “Aspecto da IV Bienal de São Paulo”.

³⁴ AHEBA/UFBA. Pasta do Professor Mendonça. Certidão 13.08.1956, folha avulsa.

³⁵ Id., Envelope 27. Relatório da EBA. 1955 a 1960, p.01 - 20.

³⁶ Ibid., p. 01 - 04.

Em 1958 houve visita dos alunos do curso de Arquitetura às obras de Brasília, além das Conferências “O espaço na Arquitetura” (Lina Bardi), “Aspectos sociais e ensino” (Walter Veloso Gordilho), “A arquitetura e as artes plásticas no caminho para um novo estilo” (Wolfgang Pfeiffer), “Reestruturação da profissão do arquiteto” (Luiz Saia), “Considerações sobre o ensino”, “O ensino da arquitetura” e “Urbanismo na Itália” (Paulo Magnavita), além de “O arquiteto e a cidade do Salvador” (Diógenes Rebouças).

Em 1959³⁷ os destaque foram a conferência sobre “Escultura em Portugal”, ministrada por Reinaldo dos Santos, Presidente da Academia de Belas Artes de Lisboa; O IV Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros; os Seminários de Mário Barata sobre “As origens do ensino superior das artes no Brasil”, Flexa Ribeiro com “O homem e a arte do nosso tempo”, Mario Cravo com “A escultura contemporânea”, Artur de Gusmão com “Gauguin e o Primitivismo na Arte contemporânea”, Clarival do Prado Valladares com “O movimento Concretista no Brasil”, José Maria Santos Simões (Lisboa) com três seminários: “A decoração de cerâmica na arquitetura portuguesa entre os séculos XVI e XVII”, “A grande produção azulejar portuguesa no século XVIII” e as “Atuais tendências da decoração cerâmica”.

Durante toda a década de 1950 professores e alunos acompanharam as transformações da Escola. Para Mendonça Filho foi um momento de desgaste físico e mental. As responsabilidades a frente da EBA, discussões sobre a saída do curso de Arquitetura e tantas outras demandas fizeram com que o mesmo iniciasse a década de 1960, aos 65 anos com sérios problemas de saúde. Mesmo doente, o artista continuava seus trabalhos em prol das artes.

Em 25 de outubro de 1961, um mês antes de deixar a direção da EBA, Mendonça Filho participou da abertura da exposição de Jenner Augusto traçando um breve esboço da sensibilidade do artista Sergipano³⁸.

³⁷ Ibid., p. 19 - 20.

³⁸ Diário de Notícias (26.10.1961, p.01).

Em 1964 os afastamentos para tratamento ficaram frequentes, contudo mesmo doente, continuava contribuindo com a Escola. Uma portaria nº. 14 de 28 de julho de 1964 (anexo 08), assinada por Ismael de Barros, vice-diretor em exercício, designou Mendonça Filho, Emídio Magalhães e Juarez Paraíso para compor comissão para elaborar plano de trabalho para o 2º semestre de 1964. Isto mostra que até bem próximo de sua morte, mesmo com tantos afastamentos, Mendonça Filho continuava trabalhando.

Os meses de outubro e novembro foram os mais graves conforme atestados 648 de 18.09 e 755 de 18.10³⁹ que afastou o artista nos últimos três meses de sua vida.

Sua morte repercutiu em todos os jornais da cidade. Por exemplo: “[...] Era mestre na pintura: morreu Mendonça Filho. Abre realmente uma perda irreparável para a pintura nacional e a Universidade da Bahia vê desaparecer um dos seus mais vigorosos mestres [...]”⁴⁰.

O Instituto de Cultura Hispânica da Universidade da Bahia - ICHUB, órgão do qual foi diretor em várias gestões⁴¹, publicou⁴² um convite para a missa de 7º dia que se realizou no dia 13 do mesmo mês.

Depois de sua morte, conforme comentamos anteriormente, houve sua retrospectiva realizada pela Universidade Federal da Bahia. Ficou a cargo de sua filha Ana Mendonça a tarefa de ir pessoalmente até a casa de parentes, amigos e colecionadores para conseguir reunir obras do artista e realizar a exposição. Foi realizada no recém-adquirido prédio da Rua Araújo Pinho nº. 15, atual Galeria Cañizares.

O prédio estava em estado lastimável, segundo relatos, e teve que ser preparada as pressas para exposição. Em um ofício (nº. 471 de 26.09.1966), João José Rescala

³⁹ AHEBA/UFBA. Envelope 222.

⁴⁰ Estado da Bahia (06.11.1964, p. 03).

⁴¹ A Tarde (11.11.1964, p. 05).

⁴² Estado da Bahia (01.11.1964, p. 07).

solicita ao reitor da Universidade, reparos urgentes, lembrando a proximidade do evento que ocorreu em novembro. Em outro documento do dia 11.11.64, (anexo 09), direcionada ao Comando da PM, o diretor da EBA, solicita proteção policial para o prédio durante a exposição devido à quantidade de obras. Nesta mesma carta, Rescala deixa claro que contava com a participação de particulares que pudessem ceder obras do artista para a exposição.

Nesse mesmo ano de 1964, a viúva Regina Cavalcante de Mendonça doou o autorretrato de Mendonça Filho ao museu de Arte da Bahia. A fotografia abaixo fixa o momento da doação junto a Carlos Eduardo da Rocha e o Professor Edvaldo Boaventura.



Figura 1231: Regina Cavalcante doando o autorretrato do artista ao lado de Carlos Eduardo da Rocha, então Diretor do MAB e Edvaldo Boaventura.

Fonte: Acervo da família.

Segundo Paraíso (1996, p. 09), logo após a saída do curso de Arquitetura da EBA, houve “uma reação coletiva, com aulas sendo suspensas e encontros para discussão dos rumos que a escola deveria tomar”. A EBA propunha severas transformações na estrutura de ensino das artes. Como e onde seriam aplicados os conhecimentos desenvolvidos na universidade?

Os artistas iniciantes que conviveram com toda aquela agitação cultural proporcionada pela inteligência e visão de Mendonça Filho, se beneficiaram e muito de todas as discussões. Nessa revolução pedagógica, a escola passou a ser catalisadora de tudo que acontecia na Bahia. É válido ressaltar que muitos desses

artistas acabaram por se tornar os professores da escola ao mesmo tempo em que eram os maiores produtores de arte.

“Mendonça tinha que liderar os antigos professores, alguns altamente retrógrados, diante de uma perspectiva de inteligência em relação às mudanças estéticas normais dentro da arte⁴³”.

Em 1967 aconteceu um grande Simpósio Pró-Reformulação do Ensino das Artes⁴⁴. Foi realizado no reitorado do Dr. Roberto Santos, sendo coordenado pelo Professor Romelio Aquino. Entre os representantes das escolas estavam: Dulce Aquino (Dança), Pasqualino Magnavita (Arquitetura), Manoel Veiga (Música) e Juarez Paraíso (Belas Artes) e o Vice-reitor Hernani Sobral.

Durante o simpósio se definiu os rumos da educação artística. A Escola de Belas Artes se posicionou com o desejo de ampliar os cursos, principalmente os que se vinculassem às atividades profissionalizantes: Desenho Industrial, Curso Superior de Decoração, Fotografia e Museologia. Infelizmente os cursos de Fotografia e Museologia foram desviados para outras áreas. Desenho Industrial e o Curso Superior de Decoração foram concretizados posteriormente na gestão da Professora Márcia Magno (PARAÍSO, 1977, p.20).

O curso de Licenciatura em Desenho e Plástica além de contribuiu para o ensino do desenho e das práticas criativas, foi direcionado sobretudo para a escola média, 5ª a 8ª séries do fundamental II, através da Educação Artística, contribuindo com a formação do cidadão brasileiro.

Muita coisa mudou na Escola de Belas Artes depois da Morte do Professor Manoel Ignácio de Mendonça Filho. Dentro de tantas mudanças significativas, a década de 1960 trouxe uma perda irreparável para a Escola de Belas Artes, a venda de sua sede, o Solar Jonathas Abbott (SILVA, 2008), fazendo com que toda luta e melhorias conseguidas durante a gestão de Mendonça desde a incorporação da escola a

⁴³ Juarez Paraíso. Qualificação para o Mestrado. Sala II, EBA/UFBA. 27.07.2012. 14:00hs. (Informação oral).

⁴⁴ Jornal da Bahia (13.12.1967, p. 02).

Universidade da Bahia fosse deixados para trás. Outros professores assumiram a direção da Escola e deram continuidade na luta em prol das artes baiana.

Durante a Gestão do Professor Juarez Paraíso (1992 a 1996), foi planejado e construído um novo Pavilhão para a EBA. A indicação do nome do Professor Mendonça Filho foi feita pelo então Diretor e teve aprovação unânime de toda a Congregação (PARAÍSO, 1996, p. 08). O prédio foi construído na Gestão do Reitor Felipe Serpa, mas com verba liberada pela Reitora Eliana Azevedo que foi sensível às solicitações da Escola. A homenagem não poderia ser mais justa.

Podemos observar que sua atuação a frente da EBA é de suma importância, e para que futuras pesquisas possam ter acesso às informações sobre sua gestão resolvemos incluir àquelas portarias⁴⁵, consideradas relevantes e que foram assinadas por Mendonça Filho (anexo 07) durante sua gestão (1947 – 1961). As informações estão apresentadas de forma resumida para que o leitor tenha uma síntese do conteúdo desses documentos. Fazemos a ressalva que nem todas as portarias puderam ser resgatadas por falta de páginas ou por não estarem em boas condições.



Figura 2: O Presidente João Goulart, seu vice e Edgar Santos e Mendonça Filho em visita a EBA em 1961.

Fonte: Acervo da UFBA.

⁴⁵ AHEBA/UFBA. Envelope 21. Livros de portarias de 1947 a 1984. Constan dois livros, um com capa vermelha e outro preta, ambos com 100 páginas cada.